

CYNAN JONES

A Baía



«Não há dúvida de que Cynan Jones é um dos mais talentosos escritores da Grã-Bretanha.»

Independent on Sunday



ELSINORE

Para C.

Cove (*κῶν*) n. uma pequena baía ou enseada; um local abrigado.

Cove (*κῶν*) n. um companheiro; um homem.

Ouves, por entre a brisa ligeira, o *tunt tunt, tunt, tunt* antes de veres o barco. Sentes-te ilícita.

Quando o barco aparece, desligam o motor. Gritam.

O rebenatar das ondas, a brisa. Não ouves. O marulhar turbulento em águas calmas.

Na proa, um homem carrega um croque como se fosse um arpão. Estão com fatos impermeáveis, capacetes brancos, coletes de salvação brilhantes.

Um dos membros da tripulação senta-se na amurada e desliza para dentro de água. Nada de forma estranha, sustentado pelo colete, elevado e empurrado pela água. Como um astronauta.

Não tens a certeza se o pontapé veio do bebé ou da convicção de que ele tem notícias.

Ao sair da água, desequilibra-se e tropeça nas pedras, limpando o nariz de água do mar. Como que a reencontrar-se.

Por alguma razão, tira as luvas, enquanto fala.

«Esteve na praia?», pergunta.

Acenas com a cabeça. Dizes, «Sim». Já não consegues esconder a saliência subtil da tua barriga. «Andei pelo campo durante um bocado, mas descí. Contornei o promontório.»

Quando ele se mexe, cai-lhe água do colete de salvação. Ele parece esperar que aconteça.

«Desapareceu uma criança», diz.

O barco flutua atrás do homem, uma presa, impotente, da ondulação. Ouves o estalido do motor, a retinir nas altas escarpas barrentas. A tripulação traz o barco para mais perto. Depois o motor para de novo.

O rosto do homem está vermelho, com uma expressão de choque depois de sair da água.

Desceste até à praia depois de encontrares o pombo.

Primeiro, as penas espalhadas; mais à frente, a asa, arrancada do ombro. Tinha sido soprada pelo campo como uma vela, os tendões e os farrapos secos e translúcidos sob o sol.

O resto da ave estava junto à passagem.

Não tinha cabeça, carne no peito. O esterno estranha e laboriosamente limpo.

Depois viste as anilhas. Uma azul e uma vermelha. A vermelha ligeiramente rachada. A azul na pata, vítrea e contranatura.

Tiveste uma estranha sensação de horror pelo pombo. Que ele tinha sabido antes de ser atingido. Que tinha tentado chegar a casa. Que alguma coisa o tinha desviado da rota.

Sentes que tens de devolver as anilhas. Avisar a pessoa a quem o pombo pertencia.

Puxas a pata, tentas partir a articulação. Puxas com mais força até a arrancares do sítio.

Um falcão-real, pensas. Tentas partir o joelho para soltar o arame.

Por fim, usas uma pedra para esmagar a pata até a anilha sair.

Vais até à praia para lavar as mãos.

A areia está húmida, íntima. Tens uma ligeira sensação de estar a pisar açúcar, uma ténue sucção sob os pés, a lavagem, o desejo do mar.

As rolas-do-mar levantam voo e assobiam, aparecendo num momento antes de voltarem a mergulhar passados alguns metros. E, como fazias em criança, aproximaste das algas espalhadas ao longo da linha da maré alta e volta-las com os pés. As pulgas-da-areia dispararam em todas as direções.

Sentes a água fria nas mãos, curvada agora de uma forma estranha. Com o polegar, arrancas uma crosta de sangue seco, que parece deslaçar-se no sal, desfiar-se na poça de água.

Um pouco mais à frente, vês o que pensas ser um fato de mergulho e o céu desaba sobre ti até perceberes que é uma sapatilha, colorida, como uma pequena tadorna.

Quando te endireitas, no sítio onde apoiaste o peso numa rocha,
tens na pele marcas de perceves.

O homem fala para o rádio, prende o bocal ao peito e fala.
Vês que a tripulação o ouve, responde, ouves o motor do
barco no rádio, como se, de repente, estivesses a ouvir os órgãos
do homem, o coração.

«Não. Nada», diz ele.

O cansaço da busca lenta reflete-se nos seus olhos. Como se,
por uma fração de segundo, fosse de manhã muito cedo.

Torna a calçar as luvas e acena com a cabeça, volta a entrar
no mar.

Enquanto nada, vê-los lançar o croque do barco, tirar qualquer
coisa da água. Examinam-na e tornam a atirá-la à água, ficando
a balançar como um pato.

Ajudam o homem a subir. Vê-lo abanar a cabeça e apontar.

Depois, vê-los afastarem-se, descrevendo uma linha que atra-
vessa a baía.

A BAÍA

Só quando desaparecem é que reparas que eles não viram uma coisa, ali, na linha da maré.

Quando lá chegas, é uma boneca.

PARTE I

Ele tem as mãos dentro de água, esfrega-as para tirar o sangue, quando os pelos dos braços se erguem. Ondulam ligeiramente, como algas na corrente. Depois, voltam a baixar.

Olha para cima. Há uma estranha agitação à superfície.

As aves tinham levantado voo subitamente e desaparecido. Como se tivesse havido um sinal qualquer. Agora, são apenas pequenos pontos, um hiato que desaparece contra a luz refletida pelo mar.

Está suficientemente longe para que a terra seja apenas uma visão pálida.

O primeiro relâmpago surge algures para lá do horizonte. A princípio, pensa que é um qualquer brilho súbito. O trovão vem pouco depois e ele sente-se terrivelmente agoniado.

A água fica com uma película metálica, como os talheres. Como metal pouco manuseado. As nuvens brancas brilham, ganham um tom plúmbeo nas extremidades.

Houve um intervalo, pensa ele. Um intervalo suficiente. Vê a chuva a aproximar-se, como uma faixa espessa e escura. Começa a remar.

Depois há um gume de brilho elétrico... Três. Quatro... Um trovão que parece ecoar na superfície da água.

Conta automaticamente, avalia a distância até à terra. Outra vibração de luz. A costa ainda é uma linha estreita cor de madeira.

Levanta-se vento, ar frio a deslocar-se à frente da trovoad.

E, a seguir, um estrondo vindo de baixo. O som de um peso grande a cair no chão. O céu a rasgar-se devagar.

Agora, uma palavra repetida. Não, não, não.

Quando o atinge, há um enorme clarão branco.

Tira o peixe da água, uma faixa furiosa e imparável que cintila ao cair no barco, e agarra a linha, rodando e retirando o anzol, e segurando o peixe contra os apoios para os pés. O peixe sufoca, sacode-se. Bate. Um som rápido e primordial, cerimonial, na concavidade do barco sem capota.

Soltam-se farrapos de sangue e escamas, que parecem arco-íris nas suas mãos quando agarra o peixe e lhe parte o pescoço, toca a tênue orla dos dentes com o indicador e põe o polegar atrás da cabeça e parte.

O maxilar inferior solta-se e as guelras surgem, abrem-se como uma flor.

Tinha a certeza de que ia apanhar peixe. Deixou um recado simples, «Faz salada bjs».

Olha de relance para as falésias na costa, na esperança de que o falcão-real lá esteja, olhando em volta enquanto desfaz pacientemente o nó dos fios, afasta as penas umas das outras e as atira aos peixes. O barco está salpicado. Refulgente. A manhã está a ficar quente. Um calor espesso e convincente.

O caiaque avança com ritmo. Há algas a flutuar. Pensa no cabelo dela na água. O mesmo tom dourado-escuro.

Não é costume apanhar só um. Talvez tivesse ficado para trás. O último do cardume.

Tira um saco com asas da mala impermeável na parte de trás e põe o peixe lá dentro, a sua cor metálica escurece e fica baça imediatamente. Depois, tira a água suja de sangue que ficou no barco.

Não te esqueças de que os peixes não têm pálpebras. Nesta água brilhante, é provável que estejam mais fundo.

Nas últimas semanas tem andado a ouvir a voz do pai.

Mas já tenho este. Chega. Dá para o almoço.

A baía estava apenas um pouco para norte. Não tinha de remar muito para chegar à sua praia interior, com as caravanas espalhadas pelos campos não muito acima, mas sentia-a à mesma como sua.

Há muito tempo, o pai tinha-lhe dito que eram os únicos que sabiam da baía e sabia-lhes bem acreditarem nisso.

Vais colocar a assadeira em cima de uma fogueira pequena e cozinhar a cavala como costumavam fazer os dois, com as nozes de manteiga que traziam do café à beira da estrada. A manteiga já deve estar derretida e vais ter de a espremer do embrulho como se fosse uma pomada.

Sorriu por ter apanhado o peixe. Essa parte do dia estava safea.

Devia trazê-la aqui. Tantos anos e nunca a trouxe. Agora é diferente. Devia trazê-la.

As espinhas na bandeja, os dedos pegajosos por causa da manteiga derretida.

Ele não era falador. Mas não conseguia imaginar sentar-se na baía e não conversar com o pai.

Houve um gorgolejar estranho, apareceu uma torda-mergulheira, sacudiu a água, virou a cabeça e alisou as penas. Olhou para ele, de cabeça inclinada, deu meia-volta, olhou por cima do ombro enquanto se afastava alguns metros. A seguir, tornou a mergulhar e desapareceu.

«E, a seguir, um estrondo vindo de baixo.
O som de um peso grande a cair no chão. O céu
a rasgar-se devagar. Agora, uma palavra repetida.
Não, não, não. Quando o atinge,
há um enorme clarão branco.»

Uma repentina tempestade no mar. Um homem no seu caiaque é atingido por um relâmpago. Quando desperta, encontra-se à deriva, ferido e com perdas de memória. Além do mar em seu redor, pouco mais tem do que fragmentos de acontecimentos e imagens distantes do passado, que se confundem com a realidade presente: uma mulher, talvez uma criança, talvez uma vida à sua espera. Resta-lhe tentar superar o medo, o desespero e a dor física e emocional, e alcançar a costa, onde, na baía, poderão estar as respostas. Uma história de sobrevivência, fragilidade e perseverança da memória e do amor.

«Algures entre *A Vida de Pi*, de Yann Martel,
e *Beast*, de Paul Kingsnorth, *A Baía*, de Cynan Jones,
é uma narrativa minimal, por vezes misteriosa,
de homem-versus-natureza.»

Observer

